

Luiz de Queiroz e a modernização brasileira

A vida e a obra, a memória e a gratidão de um abolicionista

Marly Therezinha Germano Percin e Edmar José Kiehl (*)

Luiz Vicente de Souza Queiroz nasceu na cidade de São Paulo, em 12 de junho de 1849. Pertencia à tradicional família Souza Queiroz, sendo neto do latifundiário Brigadeiro Luiz Antônio de Souza e filho do Barão de Limeira. Pela avó materna, Dona Genebra, descendia do velho tronco ituano Paes de Barros, sertanistas e mineradores. Muito cedo, foi levado para a Europa, vindo a formar-se em Agronomia pela Escola de Grignon (École Nationale D'Agriculture). Retornou ao Brasil aos 24 anos, para receber a sua parte da herança paterna, as terras localizadas em Piracicaba.

Naquela época, a cidade não passava de uma pequena comunidade conhecida mais pelas suas belezas naturais (com nome de Noiva da Colina, segundo o poeta Brasília Machado, 1876) do que pela rede fundiária e produção agrícola (café, cana, alimentos, pequenos rebanhos).

Estabelecido em 1873 à margem esquerda do rio, Luiz de Queiroz começou por inovar. Decidiu instalar uma fábrica de tecidos – a Santa Francisca – movida por força hidráulica, jusante ao Salto. Introduziu maquinaria importada e plantou algodão. Tecelões belgas e técnicos estrangeiros construíram a primeira escola de treinamento da mão-de-obra local, organizada exclusivamente a base de trabalhadores locais. Para transportar a produção de tecidos e matéria-prima, adquiriu barcos que navegaram pelos rios Piracicaba e Tietê. Esse percurso, por sinal, em breve será retomado e representará a primeira etapa de integração do Mercosul.

Em 1880, Luiz de Queiroz se casou com Dona Ermelinda Ottoni, filha do conselheiro do Império Cristiano Ottoni, descendente de antigos políticos envolvidos nas lutas liberais da monarquia.

O casal desfrutou de grande prestígio na sociedade por sua simpatia, obras de benemerência e por representar, num dado momento, o impulso modernizador que haveria de antever o desenvolvimento material e social de Piracicaba. Ele, construindo casas para seus operários, socorrendo os necessita-

dos, arborizando por conta própria ruas e praças da cidade, importando e distribuindo plantas comerciais e ornamentais que aclimatava. Ela, muito virtuosa, dedicada às obras pias, ao preparo religioso de crianças, auxiliando em todas as boas causas.

A figura do modernizador não se complementaria sem o reconhecimento da dimensão política da sua personalidade. Em Piracicaba, tornou-se o representante de um segmento raro na política brasileira, o dos abolicionistas radicais. Eles eram intransigentes defensores do trabalho livre e, sob nenhuma condição, jamais pactuaram com as medidas paliativas invocadas pelos representantes do sistema escravista de produção.

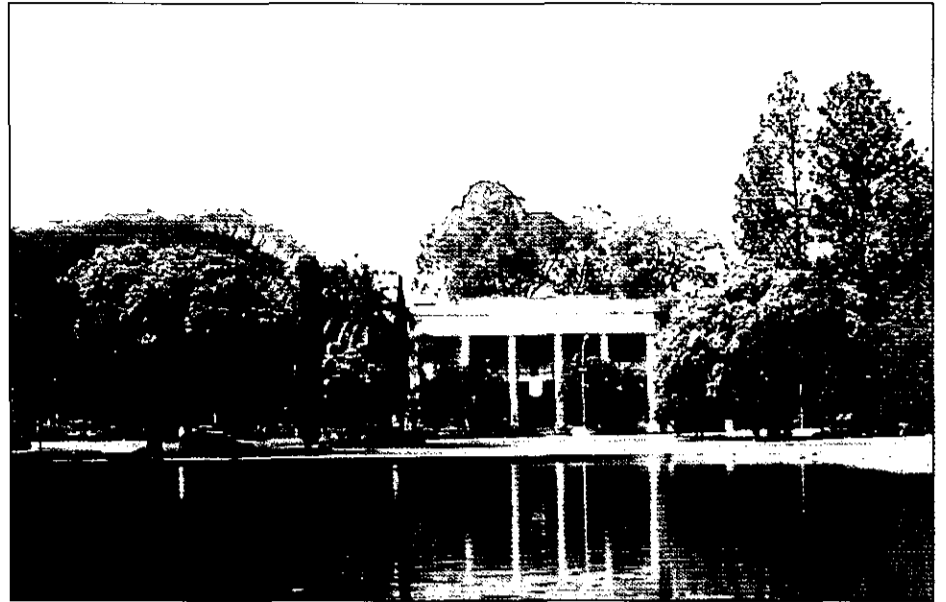
Havia, na época, enorme persistência da parte de proprietários rurais à libertação da força de trabalho, indispensável a uma economia materializada pela agroexportação. Essa resistência era proporcional à entrada dos capitais e ao desenvolvimento do fluxo imigratório, possibilitadores da substituição lenta e penosa do escravo pelo trabalho livre.

A escravidão era uma mancha que apequenava o Brasil do conceito das nações modernas. Piracicaba era um dos grandes centros de população escrava e os seus proprietários resistiam à política libertadora, temerosos de desorganizar a produção.

Durante os anos difíceis, compreendidos entre 1880 e 1888, Luiz de Queiroz defendeu a ação abolicionista, o que significava proteção aos escravos fugidos, investimento de capital na compra das liberdades, enfrentamento discreto aos proprietários e suas lideranças políticas.

Entre os abolicionistas disfarçados, aqueles que sustentavam os ideais mas comungavam a prática escravista, e os abolicionistas radicais havia uma personalidade ilustre: "Ir ao Salto" significava tratar questões difíceis com o chefe abolicionista nesse local, Luiz de Queiroz.

Mas a abolição era apenas uma etapa a ser vencida no processo de transformação do País. Luiz de Queiroz tinha outras aspirações



O Museu Luiz de Queiroz reúne o acervo histórico da ESALQ

modernizantes. A mais acalentada foi, sem dúvida, instalar uma Escola de Agricultura, como agência de saber e fator de dinamização das economias, a exemplo do que ocorrera na Europa, nos Estados Unidos e no Japão.

O sonho começou a materializar-se em 1889, quando Luiz de Queiroz arrematou, em hasta pública, a Fazenda São João da Montanha, para nela instalar a sua escola.

Em 1891, ele contava com projeto previamente elaborado, com dois arquitetos espanhóis e um técnico agrícola norte-americano, dispondo-se a desenvolver as construções com grande entusiasmo. Chegou a contar com 200 operários trabalhando na fazenda. Desta fase resultaram as olarias, a serraria a vapor, a colônia, o forno para cal e a exploração de uma pedreira.

Luiz de Queiroz contava como certa a ajuda oficial ao ensino a ser introduzido, uma vez que a subvenção ao ensino particular constituía dispositivo constitucional, de acordo com a Carta Paulista de 1891.

Ele recorreu por duas vezes ao Legislativo, sem êxito. Em 1893, a meio de febril agitação na fazenda, foi colhido pela Lei n.º 26 de 11 de maio de 1892, que autorizava o Governo a criar uma Escola Superior de Agricultura, outra de Engenharia (escola prática) e dez Estações Experimentais.

O empresário entendeu que era o momento de se retirar do projeto

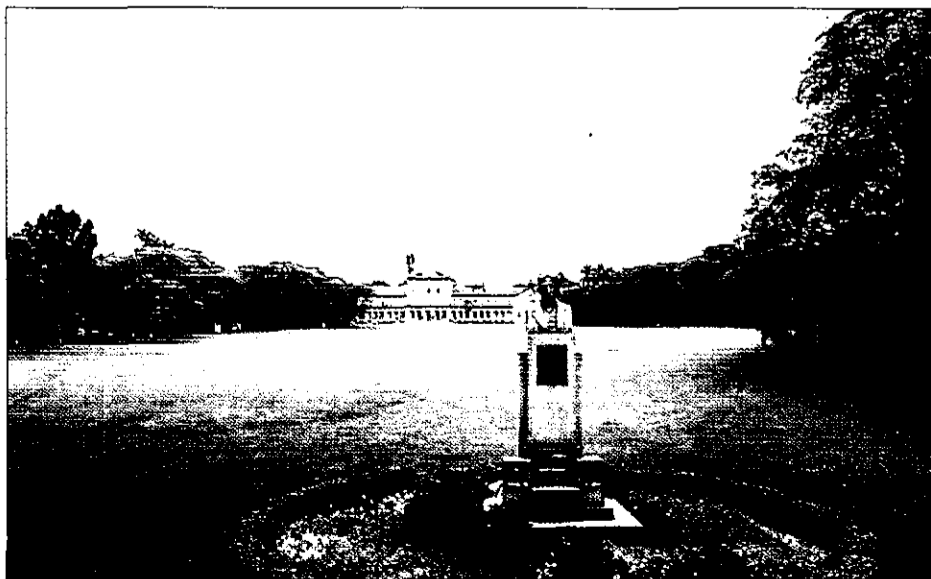
particular, frente à investida governamental. Porém arriscou uma estratégia que permitiu a conciliação dos interesses em benefício do que já fora iniciado. O Governo de Bernardino de Campos assumiu o compromisso de instalar uma escola agrícola para educação profissional em Piracicaba, conforme o Decreto 130 de 17 de abril de 1892.

Salvo o projeto da Escola Agrícola para Piracicaba, Luiz de Queiroz dedicou-se a outras atividades. E não parou aí seu dinamismo.

Sabedor de que o Brasil não possuía minas de carvão, fonte energética utilizada na Europa e nos Estados Unidos, ele previu o valor das nossas quedas d'água inexploradas.

E, ainda quando se dedicava à Fazenda São João da Montanha, conseguira autorização da municipalidade para, sob contrato, instalar junto ao Salto uma usina elétrica. Esta veio a ser inaugurada em 1893, com brilho e repercussão nacionais. Afinal, a pequena Piracicaba recebia os benefícios deste progresso com antecipação às cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e muitas outras capitais do mundo.

(*) Marly Therezinha Germano Percin é historiadora do Instituto Histórico e Geográfico (IHGP) de Piracicaba. Edmar José Kiehl é professor aposentado da ESALQ e membro do IHGP.



O primeiro busto de Luiz de Queiroz fica junto à entrada principal da Escola



O Departamento de Genética estuda 1.200 espécies de orquídeas